



# TRADUÇÃO DE TISSÃ DO THERĪGĀTHĀ: UMA ANÁLISE EM PERSPECTIVA DE GÊNERO DO POEMA

Thaís Moraes Azevedo Maetsuka\*

## RESUMO

Este estudo faz uma tradução do verso em pâli de Tissã do *Therīgāthā*, investigando a interpretação das mulheres no budismo da tradição Theravāda e seus textos em pâli. Utilizando uma abordagem comparativa, o trabalho examina as traduções do verso de cinco autores religiosos e pesquisadores da área, a fim de verificar possíveis variações interpretativas e suas implicações. O objetivo é observar como a tradução pode influenciar a percepção do feminino e destacar a relevância do contexto histórico-cultural de desenvolvimento desta tradução budista e seus textos. Em um contexto religioso seriamente marcado por desigualdade de gênero, a presença destas perspectivas pode desafiar interpretações históricas tendenciosas e enriquecer o entendimento. Em um país pouco influenciado pela tradição budista já muito patriarcalizada, a tradução do pâli para a língua portuguesa destes textos, pode oferecer uma chance de revisitar e reformular compreensões de gênero nesta tradição religiosa.

**Palavras-chave:** Budismo; Pâli; Religião; Theravāda; Interpretação.

## TRANSLATION OF TISSÃ FROM THE THERĪGĀTHĀ: AN ANALYSIS BY THE GENDER PERSPECTIVE OF THE POEM

### ABSTRACT

This study provides a translation of Tissã's verse from the *Therīgāthā* investigating the interpretation of women in the Buddhist Theravāda tradition and its pâli texts. Using a comparative approach, the pa-

---

\* Mestranda em Ciências da Religião pela UMESp. Mestra em Alimentos e Nutrição pela UNICAMP. Cursa Teologia Budista no Instituto Pramāṇa e Buddhist Studies pela Universidade de Kelaniya/Buddha-Dharma Centre of Hong Kong. E-mail: [thaismaetsuka@outoolok.com](mailto:thaismaetsuka@outoolok.com).



per examines the verse translations of five religious authors and researchers in the area, in order to ascertain possible interpretative variations and their implications. The objective is to observe how translation can influence the perception of the feminine and to highlight the relevance of the historical-cultural context of the development of this Buddhist tradition and its texts. In a religious context seriously marked by gender inequalities, the presence of these perspectives can challenge tendentious historical interpretations and enrich understanding. In a country little influenced by the already highly patriarchalized Buddhist tradition, the translation of these texts from pāli into Portuguese may offer a chance to revisit and reformulate understanding of gender in this religious tradition.

**KEYWORDS:** Buddhism; Pāli; Religion; Theravāda; Interpretation.

## TRADUCCIÓN DE TISSĀ NO THERĪGĀTHĀ: UM ANÁLISIS DESDE LA PERSPECTIVA DEL GÉNERO DEL POEMA

### RESUMEN

Este estudio realiza una traducción del verso del Tissā del *Therīgāthā*, investigando la interpretación de la figura de mujer em el budismo de la tradición Theravāda y sus textos pāli. Utilizando un enfoque comparativo, el Trabajo examina las traducciones de los versos de cinco autores religiosos y académicos del área con el fin de averiguar las posibles variaciones interpretativas y sus implicaciones. El objetivo es observar como la traducción puede influir en la percepción de lo femenino y destacarla relevancia del contexto histórico-cultural del desarrollo de esta tradición budista y sus textos. En un contexto religioso fuertemente marcado por las desigualdades de género, la presencia de estas perspectivas puede cuestionar las interpretaciones históricas tendenciosas y enriquecer la comprensión. Em un país poco influenciado por la ya muy patriarcalizada tradición budista, la traducción de estos textos del pāli al portugués puede ofrecer la oportunidad de revisar y reformular la comprensión del género em esta tradición religiosa.

**Palabras clave:** Budismo; Pāli; Religión; Theravāda; Interpretación.

### INTRODUÇÃO

A dominação masculina nas tradições budistas é clara (Rita GROSS, 2014, p. 70), estas possuem sérios problemas nesse sentido, especialmente na Ásia. Porém, parece que isso nem sempre foi assim. O Buda



histórico, dentro de suas comunidades, havia colocado as mulheres em pé de igualdade com os homens. Em um contexto social extremamente difícil para as mulheres, ele teria instituído a comunidade monástica feminina com o uso de adaptações nos textos e outros meios habilidosos para evitar problemas sociais com os grupos e problemas políticos com os governantes (Nirvana FRANÇA, 2020; Patricia TSAI, p. 46, 2021; Tattiane MARQUES, 2022, p. 80).

A sociedade indiana do século V a.C. era altamente patriarcal e considerava, o nascimento como mulher, infeliz, elas eram vistas como propriedade e tratadas como pessoas de baixa casta, sendo consideradas invólucros para gerar filhos por textos védicos que eram da religião majoritária da época, além de serem totalmente submissas e dependentes dos homens, ao ponto de não terem uma função ou vida social sem eles (Nirvana FRANÇA, 2020, p. 21-24; Patricia TSAI 2021, p. 47-48; Tattiane MARQUES, 2022, p. 82).

Para Sandra de Souza (2004, p. 122), essas questões sociais da figura da mulher possuem grande importância para a religião, já que esta é uma construção sociocultural composta por diversas relações de poder, como de raça, classe e gênero. Após a morte do Buda histórico, a tradição budista teve desenvolvimentos que foram moldados em sua grande maioria por professores e mestres homens, o que implicaria que os sistemas sociais nos quais se desenvolveu a religião budista seriam patriarcais (Rita GROSS, 2005, p. 417; Tattiane MARQUES, 2022, p. 82), e que se reflete na baixa representatividade das mulheres como professoras e líderes, bem como na dificuldade de manutenção e acesso à educação nas comunidades monásticas femininas (Rita GROSS, 2014, p. 70).

Um ponto importante nesta problemática são as possíveis corrupções em textos canônicos como os códigos de conduta monástica, que trazem regras que inferiorizam as mulheres (Nirvana FRANÇA, 2020, p. 106-109; Patricia TSAI, 2021, p. 46). Além de outros textos canônicos ou semi-canônicos, como os *jātakas*, contos das vidas anteriores do Buda, que, segundo a Naomi Appleton (2009, p. 112-113), muitas vezes representam as mulheres de forma negativa, e se, de forma positiva, como aquelas que apoiam os homens em suas buscas espirituais, mas não são protagonistas em nenhuma jornada própria, o que já começa a trazer a



ideia de uma incapacidade. Segundo Rita Gross (2005, p. 419) as ideias de que as mulheres são inferiores aos homens em sua intelectualidade e espiritualidade são comuns na religião.

Assim, textos como o *Therīgāthā*, composto de poemas de monjas realizadas, são importantes pois demonstram a capacidade das mulheres de viver da mesma forma que os homens viviam, e ainda terem a capacidade de alcançarem a libertação pela prática religiosa, assim como qualquer homem (Rita GROSS, 2005, p. 419). Porém, até o momento, não foram encontradas traduções desta obra para o português a partir da língua pāli. As traduções diretas da língua pāli são geralmente para o inglês. Dessa forma, buscamos realizar a tradução do pequeno verso de Tissā do pāli para o português, permitindo uma análise comparativa com as traduções para o inglês, e uma reflexão sobre os termos dentro da doutrina budista Theravāda, herdeira da tradição pāli, e sobre a problemática de inferioridade das mulheres presente nas tradições budistas atualmente.

## Therīgāthā

O *Therīgāthā* é uma coleção de 73 poemas atribuídos às primeiras monjas iluminadas na época do Buda, que poderiam ser originalmente canções orais que posteriormente foram escritas e traduzidas em forma de poemas, os quais são datados do final do século III a.C. (Kyung MEILL, 2020, p. 1-7; Charles HALLISEY, 2015, p. viii). O termo “*Therī*” se refere à “mulher mais velha” mais no sentido de sábia do que de idade, referenciando às primeiras discípulas do Buda que obtiveram a realização de libertação ou iluminação, enquanto “*gāthā*” se refere à versos (GATHĀ, 2023; Kyung MEILL, 2020, p. 1-7; Charles HALLISEY, 2015, p. viii).

O *Therīgāthā* é uma antologia que está contida no cânone Pāli do budismo Theravāda, dentro da categoria *Khuddakanikāya* (Coleção Menor), do *Sutta*, uma das três categorias maiores ou “cestas” de ensinamentos<sup>1</sup> (Charles HALLISEY, 2015, p. xix). Embora esse texto seja mais restrito ao budismo Theravāda e não esteja dessa forma no cânon das

---

<sup>1</sup> As escrituras budistas são divididas em três categorias, por isso em pāli estas são chamadas de *tipiṭaka*. Estas categorias são: Disciplina Moral (*Vinaya*), Sermões ou discursos do Buda (*Sutta*) e Doutrina (*Abhidhamma*) (HALLISEY, 2015, p. xix).



escolas budistas indianas mais antigas, este texto traz diversas ideias do contexto indiano, como o ciclo de renascimento, *samsāra* e a libertação deste, *nibbana* (Charles HALLISEY, 2015, p. xxiv-xxv). Em especial, os poemas celebram as realizações das monjas, e, em específico, descrevem a realidade delas, suas experiências e práticas de treinamento que conduzem a uma transformação da pessoa até a libertação (Charles HALLISEY, 2015, p. xxiv-xxvii).

Os poemas são divididos pelo número de versos, apresentando poemas de dois versos até quarenta versos (Charles HALLISEY, 2015), dentre os primeiros poemas de dois versos há o poema de Tissā. Ela era do clã guerreiro, da família real dos Śākya, a mesma família do Buda (Charles HALLISEY, 2015, p. 249-250). Ela era uma das concubinas do príncipe que iria se tornar o Buda, mas depois que ele fundou as comunidades, ela também renunciou e seguiu a Mahāprajāpatī Gotamī, na ordem monástica feminina (Charles HALLISEY, 2015, p. 249-250). O verso atribuído a ela é uma expressão que o próprio Buda teria dito a ela em uma visão, e após ouvir essas palavras, ela alcança a libertação (Charles HALLISEY, 2015, p. 249-250).

### TRADUÇÃO DO VERSO DE TISSĀ DO PĀLI

A tradução foi realizada a partir da transliteração dos versos em Pāli do *Therīgāthā* encontrado no Sutta Central<sup>2</sup>. A partir desta fonte, foi realizada uma primeira tradução de forma literal dos termos em pāli, fazendo uma análise de cada termo no português, com base em um levantamento realizado em diversos dicionários e materiais de pāli, sendo a fonte principal desta lista o material do Venerável Kuala Lumpur Dhammajoti (2018). Este conteúdo se encontra na coluna “Descrição dos Termos”. Por fim, acrescentamos as possíveis traduções dos termos a partir de sua relevância no que diz respeito à recorrência e uso na própria linguagem inglesa quando relacionado à língua pāli. A descrição e tradução apenas dos termos para o português estão apresentados na Tabela 1 – Tradução dos termos para o português, a seguir:

<sup>2</sup> A transliteração no site está incluída na publicação da Dhamma Society, intitulada “The Buddhist Era 2500 Great International Council Pāṭi Tipiṭaka: 40 Volume Edition in Roman Script B.E. 2548 (2005)”.



**Tabela 1** – Tradução literal dos termos para o português

Transliteração do verso em Páli	Descrição dos termos	Possíveis traduções dos termos para o português
<p>“Tisse sikkhassu sikkhāya, mā taṃ yogā upaccagum; Sabbayogavisaṃyuttā, cara loke anāsavā” iti.</p>	<p>Tissa: nome próprio [Tisse: voc, sg]  Sikkhā: treino/estudo/disciplina [Sikkhassu: 2 sg, f, imperativo, attanopada (benefício para si mesmo)]  [Sikkhāya: -āya, dativo com inflexão específica do dativo, propósito de uma ação]  Mā: Não, sem [indeclinável de negação, proibição ou injunções negativas]  Taṃ: aquilo, isso [acc,n,sg]  Yoga: Amarra, conexão, conjunção, mistura [Yogā: nom, m, pl]  Upaccagā: passou, superou [3 sg, pret. de upâtigacchati (upaccagum: plural optativo: deve, pode)]  Sabba: todo, inteiro [adj]  Saṃyutta: Amarrado, preso, acorrentado [adj, ppp.de saṃyujjati; vi:separado, livre de, (Visaṃyutta: desamarrado)]  Cara: caminha, vive [adj, n]  Loka: mundo [m, sg, (loke: locativo)]  Āsava: Influxo, influência, manchas, intoxicantes [nom, m, pl; na: negação, sem, livre de, (Anāsava: livre dos quatro influxos, influencias)]  Iti: aspas, indica uma fala</p>	<p>Tiã,   treine-  -s discipline-se    lo   treino/  e ido,  N /Sem    e as/aquelas    a irras/jugos    de/deve    si erar/passar  Ti as   as  a irras/jugos    d amarrados/  li ã de   amar-  rã jugos  C inhe/Viva    mundo    s i amarras/  ju os.</p>

Fonte: Autoria própria

Então, para a escolha dos termos da tradução final, de forma a ser uma tradução interpretativa, buscando manter o significado dos termos de acordo com a tradição budista, foram feitas comparações com as traduções para o inglês do verso de Tissā de autores inseridos nesse contexto, sendo religioso e/ou acadêmico. A tradução destes autores é apresentada na Tabela 2 – Comparação das traduções do verso para a



língua inglesa. Foi a partir destas cinco traduções que foram desenvolvidas as discussões de gênero e foi elaborada a tradução final. A Tabela 2 está em seguida:

**Tabela 2** – Comparação das traduções do verso para a língua inglesa

Autor	Verso	Referência
Transliteração do verso em Páli	“Tisse sikkhassu sikkhāya, mā taṃ yogā upaccagum; Sabbayogavisamūyuttā, cara loke anāsavā” iti.	MAHĀSAÑĠĪTI TIPIṬAKA BUD-DHAVASSE, 2005
Thera Kiribathgoda Gnana-nanda	“Tissā, be trained in the training of virtue, concentration, and wisdom. Don’t miss this very rare opportunity! Liberate yourself from all fetters. Live without taints in the world.”	Thera GNANANANDA, 2016
Bhikkhu Sujato	“Tissā, train in the trainings – don’t let your yokes overcome you. Unyoked from all yokes, Live in the word free of defilements.”	Bikkhu SUJATO, 2019, p.3
Bhikkhunī Ayyā Somā	“Tissā, train yourself with discipline; do not let bonds tie you down. All bonds unbound, walk in the world free from influences.”	Bhikkhunī AYYĀ SOMĀ, 2022
Caroline Rhys Davids	“O Tissā! train thyself in the trainings three. See that the great conjuncture now at hand Pass thee not by! Unloose all other yokes, And fare thou forth purged of the deadly Drugs”	Caroline Rhys DAVIDS, 1909, p.12
Charles Hallisey	“Tissa, train yourself strictly, don’t let what can hold you back overwhelm you. When you are free from everything that holds you back you can live in the world without the depravities that ooze out from within.”	Charles HAL-LISEY, 2015, p.5

Fonte: Autoria própria



Com relação às versões para comparação em inglês, há diversas traduções do *Therīgāthā*, mas aqui foram selecionadas apenas cinco traduções para o inglês deste verso, de autores em posições e contextos diferentes, com a intenção de permitir uma visão mais ampla sobre as possibilidades de interpretações sobre o verso, sendo de três monges da tradição Theravāda, o Thera Kiribathgoda Gnanananda, o Bhikkhu Sujato e a Bhikkhunī Ayyā Somā e dois acadêmicos estudiosos da língua Pāli de períodos diferentes, Caroline Rhys Davids (1857-1942) e Charles Hallisey.

Com relação aos autores e suas perspectivas, julgamos necessário fazer uma breve descrição com relação ao contexto dos autores e forma de tradução do texto. A primeira tradução é do Thera Kiribathgoda Gnanananda. Ele é natural do Sri Lanka, se ordenou monge em 1979, e recebeu a educação tradicional acadêmica budista na Universidade de Sri Jayewardenepura, é tradutor e autor de vários livros (ACADEMIC, 2010). Sua tradução do *Therīgāthā* traz uma perspectiva mais voltada a um viés religioso de inspiração, tomando os versos como das próprias monjas iluminadas (Thera GNANANANDA, 2016).

A segunda tradução é do Bhikkhu Sujato, um monge australiano plenamente ordenado<sup>3</sup> desde 1994, é um acadêmico e um dos fundadores do Sutta Central<sup>4</sup>, apoiador do estabelecimento da ordem Theravāda Bhikkhunī, defensor do direito das mulheres e do meio ambiente (SUTTA CENTRAL). Ele também é autor de vários livros sobre o budismo antigo e tradutor de vários textos, que coloca de maneira aberta ao público (SUTTA CENTRAL).

O Venerável Sujato já traz uma perspectiva mais crítica para sua tradução do *Therīgāthā*, mas sem perder o viés religioso de inspiração, ressaltando que, apesar de muitos versos não serem realmente das monjas, sendo provavelmente construções posteriores e faltar mais informações sobre elas, os versos trazem questões e sofrimentos espe-

<sup>3</sup> A ordenação plena é o nível máximo de votos que um monge ou monja podem ter, sendo usados os títulos de Bhikkhu (Pāli) ou Bhikṣu (Sânscrito) para homens, e Bhikkhunī ou Bhikṣuṇī para as mulheres.

<sup>4</sup> Site que hospeda textos budistas nas línguas originais como Pāli, Sânscrito, Gandhāri e outras línguas índicas, tibetano e chinês e suas traduções, é um site de domínio público.





cífico das mulheres, da vida monástica e ordenação, além de questões pessoais, suas experiências e das capacidades extraordinárias dessas mulheres (2019, p. xvi-xxxix).

A terceira monástica é uma monja, a Venerável Ayyā Somā, uma italiana ex-editora de moda, ela conheceu o budismo no monastério de Santacittārāma na Itália e recebeu os votos plenos em 2020, é cofundadora da Buddhist Insights e é tradutora (Bhikkhunī AYYA SOMA, 2021). Em sua tradução do *Therīgāthā*, ela destaca que esta foi realizada intencionalmente sem consultar ou fazer referência a qualquer informação fornecida nos comentários, usando o texto original em Pāli dos poemas como única base para deduzir o contexto e a escolha da terminologia para a tradução (2022).

Já com relação aos estudiosos de língua Pāli, a primeira tradução apresentada é a da Caroline Rhys Davids (1857-1942). Ela foi professora de Filosofia Indiana na Universidade de Manchester, professora de História do Budismo na Escola de Estudos Orientais e Africanos de Londres, Secretária Honorária e Presidente Pali Text Society (UNIVERSITY OF CAMBRIDGE). A respeito de sua tradução do *Therīgāthā*, ela expõe as dificuldades com relação a língua e cultura, busca manter uma fidelidade ao texto mas tentando fazer uma transmissão do viés poético e religioso (1909, p. xxxix).

A última tradução apresentada é de Charles Hallisey, um acadêmico atual. Ele é professor e pesquisador da Universidade de Harvard, sua área é centrada no budismo Theravāda do Sri Lanka e sudeste da Ásia, língua e literatura pāli, ética budista e literatura na cultura budista, e sua tradução, *Therīgāthā: Poems of the First Buddhist Women*, é o seu livro mais recente (HARVARD). Em especial, sobre esta tradução, ele explica que a mesma é essencialmente uma transcrição dos versos da edição do comentário de Dhammapala, mas reorganizados como no *Therīgāthā* canônico, e expressa a sua dificuldade de editar esse texto de maneira crítica (Charles HALLISEY, 2015, p. xxxvii).

## **DISCUSSÕES SOBRE OS TERMOS**

Observando as traduções para o inglês é possível observar algumas semelhanças que indicam uma direção de sentido específico de acordo



com a doutrina budista proveniente do Pāli. O termo “*Sikkhāya*” possui uma inflexão específica que enfatiza o propósito de uma ação (Venerável Kuala DHAMMAJOTI, 2018), então há uma ênfase no treino, como alguns tradutores expressaram como “*strictly*” (Charles HALLISEY, 2015, p. 5) ou “*with discipline*” (Bhikkhunī AYYĀ SOMĀ, 2022).

Porém outros tradutores optaram por colocar no plural, ou especificaram que eram três treinos, ou até descreveram estes, sendo “*virtue, concentration and wisdom*” (Thera GNANANANDA, 2016). Porém, se observarmos a raiz da palavra, que é “*sikkhā*”, esta é descrita como o treino dos discípulos do Buda, que são categorizados em três e que compõe o Nobre Caminho Óctuplo (P. *ariyo aṭṭhangiko maggo*), de acordo com o Venerável Nyanatiloka (2007):

é triplo: treino na moralidade superior (*adhisīla-sikkhā*), na mentalidade superior (*adhicitta-sikkhā*) e na sabedoria superior (*adhipaññā-sikkhā*). Este treino triplo refere-se à divisão tripla do Caminho Óctuplo (*magga*, q.v.) em moralidade, concentração e sabedoria (*sīla, samādhī, paññā*) (NYANATILOKA, Thera, 2007, p. 199)<sup>5</sup>.

O Nobre Caminho Óctuplo também é chamado de caminho do meio (P. *majjhīmā paṭipadā*), pois evita os caminhos extremos<sup>6</sup> da autoindulgência e da automortificação, que foram os dois caminhos falhos que o Buda tentou antes da iluminação, e o levaram a estruturar um caminho com base em sua experiência que o levou a libertação, e ele o organizou em oito partes, que estão incluídas em três categorias (Venerável Pategama GNANARAMA, 2000, p. 81-82).

---

<sup>5</sup> No original: “is threefold: training in higher morality (*adhisīla-sikkhā*), in higher mentality (*adhicitta-sikkhā*), and in higher wisdom (*adhipaññā-sikkhā*). This threefold training refers to the threefold division of the Eightfold Path (*magga*, q.v.) in morality, concentration and wisdom (*sīla, samādhī, paññā*).”

<sup>6</sup> O caminho da autoindulgência esta de acordo com um entendimento ou visão materialista (P. *uccheda-vāda*), na qual depois da morte não há nada, e portanto é necessário aproveitar ao máximo a vida, incentivando a busca pelos prazeres sensoriais a qualquer custo ou meio; E o caminho da automortificação esta baseada em um entendimento ou visão eternalista (P. *sassata-vāda*), de uma ‘alma’ que esta presa em um corpo, e que precisa se libertar, levando a práticas ascéticas extremas que torturam o corpo (Venerável Pategama GNANARAMA, 2000, p. 81).



Apesar de serem oito partes, estes não são graduais no sentido de etapas, mas são inter-relacionados e são praticados simultaneamente, sendo incluídos nos três treinos da seguinte maneira: A 1º e 2º partes, Entendimento Correto (P. *sammā diṭṭhi*) e Pensamento Correto (P. *sammā sankappa*), respectivamente, estão dentro da categoria do Treino Superior em Sabedoria; da 3º até a 5º, Fala Correta (P. *sammā vācā*), Ação Correta (P. *sammā kammanta*) e Modo de Vida Correto (P. *sammā ājiva*), estão incluídos dentro do Treino Superior em Moralidade; e da 6º a 8º partes, Esforço Correto (P. *sammā vāyāma*), Atenção Plena Correta (P. *sammā sati*) e Concentração Correta (P. *sammā samādhi*), estão incluídos no Treino Superior em Concentração (Venerável Pategama GNANARAMA, 2000, p. 82-84) ou o que o Thera Nyanatiloka chama de Mentalidade (2007, p. 199).

Assim, para alcançar a libertação os discípulos do Buda deveriam seguir um caminho específico desenvolvido por ele, que está incluído nesses Três Treinos (Venerável Pategama GNANARAMA, 2000, p. 82-83), seguindo as opções de tradução para o Português do Dr. Plínio Marcos Tsai, o termo escolhido foi “Três Treinamentos Superiores”, que seriam os treinos superiores ao sofrimento, ou superiores ao *samsāra* (TSAI, 2024)<sup>7</sup>.

Com relação a outros termos, Caroline Rhys Davids (1909, p.12) traduz *āsava*s como esses quatro, chamando de “sense, renewed existence, opinion, ignorance”. Mas há também a interpretação sobre a palavra *yoga*, como ‘conjuntura’ com a intenção de ser uma conjuntura de sorte, que seria o nascimento humano, com as faculdades sensoriais funcionais, e a presença do Buda, que seria uma conjuntura propensa para o desenvolvimento da convicção, e então, libertação (1909, p. 12). Essa interpretação está de acordo com o dicionário da Pali Text Society, que traz a interpretação do *yoga* védico, com diversas interpretações a mais, como a de “jugos raros” e sobre o corpo humano (p. 559 e 2021).

Também, grande parte dos ensinamentos do Buda, trabalham questões da condição humana, trazendo aspectos da vida de sofrimento e de prisão, de maneira a gerar renúncia, mas, em especial, trabalham

---

<sup>7</sup> Comunicação oral feita pelo próprio Dr. Plínio Marcos Tsai, Secretário Geral do CEMODECON/Unicamp, Professor Colaborador da UMEESP, Professor e Diretor do Instituto Pramāna e Diretor do Instituto Tomasiano, 2024.



também o uso da condição e funcionalidades humanas de maneira a levar a libertação do ciclo do *samsāra*<sup>8</sup> (Bhikkhu BODHI, 2005, p. 26-40). Particularmente, o renascimento humano também é enfatizado em um sentido positivo, é dito ser um nascimento raro e mais afortunado ainda do que um renascimento como um deus, sendo ainda mais raro quando há um Buda presente e a pessoa tem a oportunidade de ouvi-lo (Venerável Pategama GNANARAMA, 2000, p. 171-172). Esse ensinamento é dito ser importante para gerar um senso de urgência e desejo de praticar o caminho, como uma condição rara que permite a libertação (Venerável Pategama GNANARAMA, 2000, p. 171-172).

Em diversos textos do cânon *pāli* é trazida a ideia de que o nascimento como uma mulher era resultado ou efeito de um *karma* ruim, resultado de ações ruins, e que boas ações levam ao renascimento masculino (Bhikkhu ANĀLAYO, 2014, p. 109-111). Há ainda, em alguns textos, a ideia de uma necessidade de renascimento como homem, para conseguir as realizações ou para se tornar um Buda, sendo narradas até transformações de mulheres que se tornavam homens como algo bom, ou então homens se tornavam mulheres como resultados de ações ruins (Bhikkhu ANĀLAYO, 2005; Bhikkhu ANĀLAYO, 2014, p. 111-116).

Nirvana França (2020, p. 103) traz ainda a questão de que, o renascimento feminino como resultado de um *karma* ruim, é a incorporação do *karma* indiano, e que o *karma* que foi proposto pelo Buda é diferente, pois a retirada do *atman*, ou eu divino, e substituição deste pela interdependência, faz com que tal questão de gênero perca sua relevância.

Retornando aos termos, o Venerável Mahathera Buddhaddatta traz as opções de conjunção, conexão, esforço, entre outras, e para o Venerável Nyanatiloka (2007, p. 245) a palavra *yoga* é colocada como sinônimo de *āsava*. Para ambas as palavras ele descreve influxos, impurezas, sendo estes tipos de desejo (P. *tanhā*): desejo sensorial (P. *kāmāsava*), da existência eterna (P. *bhavāsava*), de visões errôneas (P. *diṭṭhāsava*), e da ignorância (P. *avijjāsava*).

Assim, tanto o Venerável Gnanananda quanto a Caroline Rhys Davids interpretam como algo que pode ser usado de maneira positiva. Enquanto os demais tradutores interpretam como amarras, algo que

---

<sup>8</sup> Ciclo de renascimentos repetitivos descontrolados, condicionados pelo sofrimento.



segura e prende, no sentido mais restrito de *āsava*, sobre este o Venerável Bodhi traz:

Os *asavas* ou máculas são uma classificação das impurezas consideradas no seu papel de sustentar o movimento para a frente do processo de nascimento e morte. Os comentários derivam a palavra de uma raiz *su* que significa “fluir”. Os estudiosos divergem quanto ao facto de o fluxo implícito no prefixo a ser para dentro ou para fora; por isso, alguns traduzem-no como “influxos” ou “influências”, outros como “fluxos” ou “efluentes”. Uma passagem padrão nos *suttas* indica o significado real do termo, independentemente da etimologia, quando descreve os *asavas* como estados “que contaminam, trazem a renovação da existência, causam problemas, amadurecem em sofrimento e levam ao futuro nascimento, envelhecimento e morte” (MN 36.47; 1250). Assim, outros tradutores, ignorando o significado literal, traduziram-no por “cancros”, “corrupções” ou “máculas”. As três impurezas mencionadas nos *Nikayas* são, respetivamente, sinónimos de ânsia pelos prazeres sensuais, ânsia pela existência e ignorância. Quando a mente do discípulo se liberta das impurezas, ao completar o caminho do *arahantship*, ele revê a sua recém-conquistada liberdade e solta o seu rugido de leão: “O nascimento foi destruído, a vida espiritual foi vivida, o que tinha de ser feito foi feito; não há mais retorno a nenhum estado de ser” (Bhikkhu BODHI, 2005, p. 229)<sup>9</sup>.

Assim, *āsava* são elementos que trazem a renovação da existência, no sentido que algo que prende e perpetua o ciclo, tendo um sentido mais restrito nesta direção do que *yoga*. Como há uma diferenciação

---

<sup>9</sup> No original: “The *asavas* or taints are a classification of defilements considered in their role of sustaining the forward movement of the process of birth and death. The commentaries derive the word from a root *su* meaning “to flow.” Scholars differ as to whether the flow implied by the prefix *a* is inward or outward; hence some have rendered it as “influxes” or “influences,” others as “outflows” or “effluents.” A stock passage in the *suttas* indicates the term’s real significance independently of etymology when it describes the *asavas* as states “that defile, bring renewal of existence, give trouble, ripen in suffering, and lead to future birth, aging, and death” (MN 36.47; 1250). Thus other translators, bypassing the literal meaning, have rendered it “cankers,” “corruptions,” or “taints.” The three taints mentioned in the *Nikayas* are respectively synonyms for craving for sensual pleasures, craving for existence, and ignorance. When the disciple’s mind is liberated from the taints by the completion of the path of *arahantship*, he reviews his newly won freedom and roars his lion’s roar: “Birth is destroyed, the spiritual life has been lived, what had to be done has been done; there is no more coming back to any state of being.”



nesses termos, e essa abertura na interpretação, como Caroline Davids e o Thera Gnanarama fizeram, ainda que em uma tentativa de perspectiva mais religiosa, essa diferenciação de sentidos é possível, pela centralidade da condição humana, como sofrimento e prisão, mas também como oportunidade rara, em certas condições, que possibilita a libertação, pontos importantes para a perspectiva proposta.

O *Therīgāthā* narra também as histórias das vidas das monjas realizadas antes de se tornarem monjas, o que permite reconhecer a condição e sofrimentos nos quais as mulheres naqueles contextos se encontravam, e que as levaram a buscar pelo *Dhamma* (Nona Sarana OLIVIA, 2011, p. 2). As mulheres do período do Buda histórico eram propriedades que não tinham acesso à educação, mas tinham seu valor econômico ligado a função de reprodução, além de outras peculiaridades de sua condição que trazem outros temas ou tipos de problemas a serem superados pelas mulheres, que eram diferentes dos problemas a serem superados pelos homens (Nona Sarana OLIVIA, 2011, p. 2; Nirvana FRANÇA, 2020; Tattiane MARQUES, 2021, p. 35-37).

Assim, elas tinham sofrimentos e amarras ligados a discriminação de gênero e ao papel da mulher na sociedade indiana daquele período, que estavam ligados ao papel de reprodução, como mães e esposas, com todas as preocupações com relação a aparência, que apesar de afetar ambos os gêneros, ainda assim, são as amarras retratadas em seus versos, que diferem das amarras descritas nos versos dos monges realizados, no *Theragāthā* (Nona Sarana OLIVIA, 2011, p. 2; Bhikkhu SUJATO, 2019, p. xix).

A questão do sofrimento, bem como suas causas, as amarras, como os desejos são centrais, pois se referem as primeiras duas nobres verdades, a Verdade do Sofrimento e a Verdade das Causas do Sofrimento, que foram as verdades que levaram o Buda a buscar a libertação e depois as monjas do mesmo modo, e o conhecimento destas causas é o que permitiram libertação pelo caminho<sup>10</sup> (Venerável Pategama GNANARAMA, 2000, p. 30-69).

---

<sup>10</sup> Esses são tópicos muito extensos para serem abordados aqui, consulte o material de Thera GNANARAMA, 2000.



Dessa forma, considerando as traduções para o inglês e as possibilidades de significado destas palavras, fizemos a opção do termo jugos para abarcar tanto o sentido de existência humana preciosa e no sentido de amarras, ambas usadas para a libertação, especificamente a existência como mulher e as amarras específicas que prendiam essas monjas antes da libertação. Assim, a tradução final ficou da forma apresentada no Quadro 1- Tradução Final, abaixo:

#### Quadro 1- Tradução Final

Tissã, treine-se nos Três Treinos Superiores,  
Não [deixe] que as amarras te dominem,  
Use todos os jugos para se livrar de todas as amarras  
E caminhe no mundo livre delas.

Fonte: A autoria própria

Então, esta tradução busca exprimir a exaltação do Buda a Tissã, para que ela treine a si mesma nos três treinos do caminho proposto por ele a todos os seus discípulos igualmente (Thera GNANANANDA, 2000; Thera GNANANANDA, 2016). E para que ela não se deixe ser dominada pelas amarras, mas que use estas mesmas amarras, algumas mais evidentes para as mulheres naquele contexto (Bhikkhu BODHI, 2005; Thera GNANANANDA, 2000; Nona Sarana OLIVIA, 2011, p. 2; Bhikkhu SUJATO, 2019, p. xix) e conjuntura de uma preciosa vida humana, que é preciosa como mulher (Thera GNANANANDA, 2000; Bhikkhu BODHI, 2005; Nirvana FRANÇA, 2020, p. 103), para se libertar completamente das amarras deste mundo.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um contexto religioso de desigualdades de gênero, moldado por sociedades patriarcais, nas quais a inferioridade da mulher é incorporada até mesmo em textos canônicos, obras como o *Therīgāthā* que exaltam a capacidade das mulheres na prática do caminho, se tornam essenciais em uma luta por igualdade dentro das tradições budistas. Então, a tra-



dução destas obras para a língua portuguesa a partir da língua original é essencial.

Como não foram encontradas traduções para o português, fez-se necessária a utilização de outras traduções do Páli a partir de autores pertencentes as tradições e estudiosos da área para a escolha e interpretação dos termos, já que a tradução não é um processo mecânico de troca de palavras, mas é um procedimento que requer constantes adaptações e adequações, para a língua para qual está sendo traduzida, que busca manter a essência do significado, mas que por sua vez, não estão livres dos fatores humanos e suas complexidades, bem como as complexidades das interpretações da própria religião a qual o texto pertence.

Esta análise do verso de Tissā no *Therīgāthā* revela não apenas a complexidade da linguagem Páli, mas também as camadas de interpretação que influenciam a percepção das figuras femininas no budismo. Como este processo não é neutro, pois ele carrega consigo as visões de mundo dos tradutores, que podem perpetuar ou desafiar normas de gênero existentes, a escolha de palavras e o contexto aplicado nas traduções podem refletir a luta contemporâneas das mulheres dentro das tradições. Em especial, em seus papéis, posições, ou até mesmo sobrevivência, como é o caso dos monastérios femininos, dentro dessas tradições religiosas, de maneira a promover uma compreensão mais propensa a tentativa de igualar os gêneros em respeito e capacidade, bem como o acesso aos estudos e investimento no caso das monásticas.

A inclusão destes tipos de perspectivas em análises e traduções dos textos budistas pode desafiar interpretações históricas e oferecer novas visões que evidenciam um campo fértil para futuras pesquisas, onde a junção entre estudos de religião, tradução e gênero, pode fornecer enriquecer o entendimento e a prática do budismo contemporâneo do Brasil. Ao desvelar as camadas de significado das palavras de exaltação à Tissā, este estudo convida a uma reflexão sobre como as narrativas budistas podem ser compreendidas e vividas de maneira que promova a igualdade de gênero e uma visão menos tendenciosa e patriarcalizada da iluminação. Portanto, a tradução do Páli, longe de ser apenas um exercício linguístico, é revelada como uma prática profundamente enraizada em questões sociais junto às religiosas, oferecendo uma chance





de revisitar e reformular nossas compreensões contemporâneas de gênero no budismo em um país onde esta religião tem uma presença e produção limitada.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIC. Kiribathgoda Gnanananda Thero, 2010. Disponível em: <<https://en-academic.com/dic.nsf/enwiki/3299933>>. Acessado em 21/01/2024.
- ANĀLAYO, Bhikkhu. Karma and Female Birth. **Journal of Buddhist Ethics**, v.21, p. 109-153, 2014.
- ANĀLAYO, Bhikkhu. The Bahudhātuka-sutta and its Parallels On Women’s Inabilities. **Journal of Buddhist Ethics**, v.16, p. 135-190, 2005
- APPLETON, Naomi. **Tempress on the Path: Women as Objects and Subjects in Buddhist Jataka Stories**. In: Anderson, P. (eds) *New Topics in Feminist Philosophy of Religion*. Springer, Dordrecht, 2009.
- AYYĀ SOMĀ, Bhikkhunī. **Verses of the Elder Bhikkhunīs**: Pali English. SuttaCentral, 2022.
- AYYASOMA. About, 2021. Disponível em: <<https://ayyasoma.com/about/>>. Acessado em 21/01/2024.
- BODHI, Bhikkhu. *In the Buddha’s Words: An Anthology of Discourses from the Pali Canon*. Massachusetts: Wisdom Publications, 1ed., 2005.
- DAVIDS, Caroline Rhys. *PSALMS OF THE EARLY BUDDHISTS*. London: PALI TEXT SOCIETY, 1909.
- DHAMMAJOTI, Kuala Lumpur. *Reading Buddhist Pali Texts: An Elementary Grammatical Guide*. Hong Kong: The Buddha-Dharma Centre of Hong Kong, 2ed., 2018.
- FRANÇA, Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de. **GURUDHARMAS: Processos de construção e corrupção do cânon referente às obrigações de monjas budistas iniciantes**. 149 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernado do Campo, p. 149, 2020.
- FRANÇA, Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de; MARQUES, Tattiane Yu Borges. Therīgāthā, a Primeira Literatura Feminina no Budismo: Possibilidades de Diálogo Com o Erotismo Na Teopoética. **Mandrágora**, v.27, n. 1, p.31-52, 2021.
- GATHĀ. In: *Wisdom Library 2023*. Disponível em: <<https://www.wisdomlib.org/definition/gatha>>. Acesso em: 16/01/2023.
- GNANARAMA, Pategama Venerável. *Essentials of Buddhism*. Buddha Dharma Education Association Inc., 2000.
- GNANANANDA, Kiribathgoda Thera. *The Voice Of Enlightened Nuns: The Therigatha*. Mahamegha Publications, 2016.



GROSS, Rita M. Mulheres Budistas como Líderes e Professoras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(2): 256, 2005.

GROSS, Rita M. The Suffering of Sexism: Buddhist Perspectives and Experiences. **Buddhist-Christian Studies**, v. 34, p. 69-81, 2014.

HALLISEY, Charles. **THERIGATHA: Poems of the First Buddhist Women**. London: Harvard University Press, 2015.

HARVARD. Charles Hallisey. Disponível em: < <https://hds.harvard.edu/people/charles-hallisey>>. Acessado em 21/01/2024.

MAHĀSAṄĠĪTI TIPITĀKA BUDDHAVASSE 2500. **Tissātherīgāthā**. In: Mahāsaṅgīti Tipitaka Buddhavasse 2500. The Buddhist Era 2500 Great International Council Pāli Tipitaka: 40 Volume Edition in Roman Script B.E. 2548. Sutta Central, 2005. Disponível em: <https://suttacentral.net/thig1.4/pli/ms?lang=en&layout=plain&reference=none&notes=asterisk&highlight=false&script=latin>. Acessado em: 15/01/2024.

MARQUES, Tattiane Yu Borges. **Buda Tārā: Surgimento, Transformação e permanência da Centralidade de um Ícone Feminino no Budismo Tibetano Geluk**. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernado do Campo, 2022.

MEILL, Kyung Peggy. **Diversity in The Women of the Therīgāthā**. Mindfulness Studies Theses, 29, 2020.

NYANAPONIKA, Thera. **BUDDHIST DICTIONARY: A Manual of Buddhist Terms and Doctrines**. Thailand: Silkworm Books, 5 ed., 2007.

OLIVIA, Nona Sarana. Aprendendo com o Therīgāthā - O que libertou a venerável monja Uttama. The Sati Journal, The Journal for the Sati Center Buddhist Studies. Disponível em: <<https://www.sati.org/wp-content/uploads/pre-2013/Aprendendo-com--o-Therigatha.pdf>>. Acesso em: 02/02/2024.

RAJAPAKSE, Vijitha. The Therīgāthā: A Revaluation, The Wheel Publication no. 436, 2008. Disponível em: < [https://www.bps.lk/olib/wh/wh436\\_RajaPakse\\_The-Therigatha--A-Revaluation.pdf](https://www.bps.lk/olib/wh/wh436_RajaPakse_The-Therigatha--A-Revaluation.pdf) >. Acessado em: 16/01/2024.

SOUZA, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: Gênero e Religião nos Estudos Feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12, 264, 2004.

SUJATO, Bhikkhu. **VERSES OF THE SENIORNUNS: A friendly translation of the Therīgāthā**. Austrália: SuttaCentral, 5ed., 2019.

SUTTA CENTRAL. Middle Discourses. Disponível em: <<https://suttacentral.net/edition/mn/en/sujato?lang=en>>. Acessado em 21/01/2024.

TSAI, Patrícia Guernelli Palazzo. **O conceito de responsabilidade universal: uma análise do conceito pela tradição budista Mahayana Geluk no XIV Dalai Lama**. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernado do Campo, 2021.



UNIVERSITY OF CAMBRIDGE. Faculty of Asian and Middle Eastern Studies. Disponível em: <<https://www.ames.cam.ac.uk/faculty-library/archive/collection-rhys-davids-family-pali-scholars#cafrd>>. Acessado em 21/01/2024.

Submetido em: 3/4/2024

Aceito em: 13/5/2024